

## **SER CUIDADA PARA SE CUIDAR: A RESPONSABILIDADE DO AMBIENTE NA MANUTENÇÃO DAS PERSPECTIVAS ACERCA DO FUTURO DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS<sup>1</sup>**

Paula Mauad Kaheler Sá<sup>2</sup>  
Hila Martins Campos Faria<sup>3</sup>

### **RESUMO:**

O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de averiguar as perspectivas acerca do futuro de gestantes adolescentes nos âmbitos escolar e profissional, a partir de uma investigação bibliográfica de revisão narrativa, de cunho exploratório e abordagem qualitativa que utilizou a psicanálise winnicottiana como referencial teórico. Os resultados evidenciaram que os planos para o futuro não são abortados pelo advento da gestação e se caracterizam, basicamente, pelo retorno aos estudos, comumente interrompidos pela gravidez, e pela inserção qualificada no mercado de trabalho. Este trabalho também revelou que as exigências impostas pela maternidade se constituem como obstáculos para que tais perspectivas sejam alcançadas, sendo a vulnerabilidade socioeconômica uma condição agravante da situação. Constatou-se, ainda, que é responsabilidade do ambiente a oferta de suporte para que os projetos de vida anteriormente mencionados sejam legitimados e viabilizados. A ausência do referido amparo pode resultar em uma atribuição de significado à maternidade como único plano de vida possível.

Palavras-chave: Psicologia. Gestação na Adolescência. Perspectivas Futuras.

## **SER CUIDADA PARA CUIDARSE: LA RESPONSABILIDAD DEL AMBIENTE EN LA MANUTENCIÓN DE LAS PERSPECTIVAS ACERCA DEL FUTURO DE ADOLESCENTES EMBARAZADAS**

### **RESUMEN:**

El presente artículo fue desarrollado con el objetivo de averiguar las perspectivas acerca del futuro de gestantes adolescentes en los ámbitos escolar y profesional, a partir de una búsqueda bibliográfica de revisión narrativa, de carácter exploratorio y abordaje cualitativo que utilizó el psicoanálisis winnicottiano como referencial teórico. Los resultados evidenciaron que los planes para el futuro no son abortados por el advenimiento de la gestación y se caracterizan, básicamente, por el reingreso a los estudios, comúnmente interrumpidos por el embarazo, y por la inserción cualificada en el mercado laboral. Este trabajo también reveló que las exigencias impuestas por la maternidad se constituyen como obstáculos para que tales perspectivas sean alcanzadas, siendo la vulnerabilidad socioeconómica una condición agravante de la

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniAcademia na Linha de Pesquisa de Psicologia e Saúde. Recebido em 26/05/2020 e aprovado, após reformulações, em 26/06/2020.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: paulakaheler@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: hilafaria@cesjf.br

situación. Se constató, todavía, que es responsabilidad del ambiente la oferta de soporte para que los proyectos de vida anteriormente mencionados sean legitimados y viabilizados. La ausencia del referido amparo puede resultar en una atribución de significado a la maternidad como único plan de vida posible.

Palabras-clave: Psicología. Embarazo en la Adolescencia. Perspectivas Futuras.

## 1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é um fenômeno abarcado por distintos campos do conhecimento. No entanto, discorrer academicamente acerca do tema implica abdicar de determinados pré-conceitos advindos do senso comum e também de certos pré-juízos particulares, resultando em processos de desconstrução e reconstrução de saberes previamente estabelecidos sobre a adolescência, a gravidez e a gravidez na adolescência que pretendem ser brevemente abordados.

Primeiramente, há que se pensar sobre as concepções generalistas a respeito da adolescência. Inegável é a relevância das teorias já desenvolvidas acerca de determinado estágio e a consequente contribuição para que essa fase do desenvolvimento pudesse se destacar no competitivo cenário de adultos e crianças e adquirir sua devida importância. Contudo, a universalização de características e experiências da adolescência se mostra perigosa quando a originalidade de cada sujeito é descartada e o objeto de análise passa a ser apenas o que, supostamente, se mostra generalizável (STERN; GARCIA, 1999 apud PANTOJA, 2003, p.337).

Assim sendo, faz-se imprescindível considerar a particularidade do ambiente<sup>4</sup> em que tal fase é vivenciada, já que o processo do “adolescer” não ocorre isolado dos aspectos políticos, sociais e culturais intrínsecos ao contexto: “Ao mesmo tempo em que é proposta a universalidade do estágio da adolescência, observa-se que ela depende de uma inserção histórica e cultural, que determina, portanto, variadas formas de viver a adolescência [...]” (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003 apud SCHOEN-FERREIRA *et al.*, 2010, p.228). Desse modo, diversas são as experiências ao redor do “adolescer” e distintas se fazem as adolescências: “[...] é fundamental levar em consideração que não existe uma adolescência, mas sim adolescências, em

---

<sup>4</sup> O conceito de ambiente, enquanto meio facilitador ou não da existência do indivíduo (WINNICOTT, 2000), foi utilizado com a finalidade de representar, fidedignamente, os pressupostos da teoria winnicottiana.

função do político, do social, do momento e do contexto em que está inserido o adolescente” (PANTOJA, 2003, p.337).

Diante disso, assim como são múltiplas as adolescências, heterogêneas também são as experiências de cada adolescente com a gestação, sendo diversificados os fatores que influenciam em tal acontecimento. Conforme expõe Pantoja (2003), levar em consideração, unicamente, a idade em que ocorre a gestação pode implicar em uma redução do fenômeno. Logo, a relação de causa-efeito deve ser superada para que haja uma compreensão integral do evento:

Ao privilegiar o fator idade como elemento fundamental de análise, esses estudos desconsideram as diferenças sociais que marcam de forma distinta as etapas da vida humana e as múltiplas e variadas implicações que o evento produz sobre as trajetórias das meninas e suas redes familiares (PANTOJA, 2003, p.337).

Outra questão que merece destaque, nestas considerações preliminares, refere-se à motivação para a gravidez na adolescência que, ao contrário do que comumente se pensa, também ocorre de forma planejada, sobretudo em adolescentes que pertencem a uma condição socioeconômica desfavorável, na medida em que se constitui como um projeto de vida pela ausência de qualquer outra perspectiva de futuro. Segundo evidenciado por Santos *et al.* (2014), as escassas expectativas e planejamentos profissionais de adolescentes de baixa renda podem ser convertidas em satisfações pessoais passíveis de serem realizadas, por exemplo, através da gravidez. Nesse sentido, “[...] o reconhecimento social como sujeito produtivo pode ocorrer através da concepção de um filho, na maternidade” (SANTOS *et al.*, 2014, p.764).

O obscurantismo acerca dos eventos anteriormente descritos pode acarretar a rotulação da gravidez na adolescência como um “problema” que facilmente contribui para uma abordagem do tema feita através de concepções moralistas e estigmatizantes que em nada contribuem para ações de prevenção e assistência das adolescentes. Pelo contrário, a perspectiva negativa que o fenômeno adquire ocasiona, dentre outros tantos prejuízos, discriminações que são capazes de dificultar o estabelecimento de vínculo entre profissional e adolescente:

A recusa a um termo como “problema” ao falar da gravidez adolescente exige um esclarecimento. Não há intenção de apologia à maternidade adolescente

concebendo-a como acontecimento sem qualquer repercussão especial e defendida como opção boa ou desejável. São legítimas as preocupações da sociedade em relação à saúde da adolescente e de seu filho. A ideia é apenas alertar para o fato de que a concepção negativa e reducionista sobre o problema da gravidez/maternidade na adolescência pode construir restrições e implicações conceituais no desenvolvimento de pesquisas e na atuação dos profissionais junto aos adolescentes (SANTOS; SCHOR, 2003, apud ESTEVES; MENANDRO, 2005, p.365).

Outrossim, primordial se faz mencionar a necessidade de escuta e valorização das vivências subjetivas das adolescentes grávidas, visando, sobretudo, uma assistência integral de saúde. Conforme evidencia Jorge *et al.* (2017), a expressão dos sentimentos relacionados à gravidez deve ser encorajada e legitimada, de modo a estabelecer uma relação de confiança entre o provedor e o usuário e, especialmente, resgatar a perspectiva do cuidado, em oposição ao mero diagnóstico e à cura.

De acordo com o informe de consulta técnica emitido pela Organização Panamericana de Saúde e pela Organização Mundial de Saúde sobre a gravidez na adolescência na América Latina e Caribe (2018), a taxa mundial de gravidez adolescente é estimada em 46 nascimentos para cada 1 mil meninas entre 15 e 19 anos, enquanto a taxa na América Latina e no Caribe é de 65,5 nascimentos. No Brasil, a taxa é ainda maior, de 68,4 nascimentos para cada 1 mil adolescentes.

Com relação ao contexto brasileiro, propriamente dito, o relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2013), que avalia os 10 anos de implementação do Programa Bolsa Família, expõe que a taxa de fecundidade é mais elevada entre a população pobre, menos escolarizada, com menor nível de consumo e piores condições habitacionais. Além disso, o relatório também constata uma estrutura rejuvenescida da fecundidade, em que a maternidade se faz presente no cotidiano da maioria de adolescentes e jovens com menor nível de renda e educação. O cenário de ter filhos muito cedo e deixar de tê-los também muito cedo é identificado em famílias monoparentais femininas e também em mulheres que vivem “[...] em domicílios com renda per capita abaixo da linha de pobreza e elegíveis aos benefícios do Programa Bolsa Família” (CAMPELLO; NERI, 2013, p.241). Como antecedentes da alta taxa de fecundidade no Brasil, sobretudo em adolescentes e jovens, foram identificados, no relatório em questão, a falta de acesso à saúde sexual e reprodutiva e também a ausência de perspectivas no campo profissional e educacional.

Dentre as soluções propostas para alcançar a redução das taxas de gravidez na adolescência, expostas no informe da OPAS/OMS e em conformidade com as **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

necessidades evidenciadas no relatório desenvolvido pelo IPEA, destacam-se: a elaboração de intervenções direcionadas aos grupos mais vulneráveis, com um enfoque adaptado às realidades locais e concebido para enfrentar desafios específicos; a participação do público adolescente e jovem na aplicação e seguimento das leis, políticas e programas destinados à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos do público em questão; e a criação e manutenção de um entorno favorável à conscientização e à sensibilização acerca da sexualidade das adolescentes e também à igualdade de gênero, com a consequente eliminação de estereótipos sexistas.

Por conseguinte, este estudo adquire relevância porque vai ao encontro das soluções propostas pelo mais recente relatório de aceleração da redução da gravidez na adolescência na América Latina e Caribe (2018), tendo em vista a possibilidade de as reflexões aqui suscitadas contribuir para o planejamento de estratégias nos setores de prevenção, promoção e assistência à saúde, articuladas intersetorialmente com as políticas públicas, que considerem os grupos mais vulneráveis e as realidades particulares a cada adolescente.

Dessa forma, levando em conta a necessidade de compreender “[...] as reflexões sobre o presente e o futuro, a serem consideradas nos projetos de vida das adolescentes” (SANTOS *et al.*, 2018, p.74), este artigo tem como principal objetivo averiguar as perspectivas futuras de estudo e trabalho de gestantes adolescentes. Os objetivos específicos abrangem caracterizar a adolescência, compreender o impacto da gravidez nas perspectivas acerca do futuro das adolescentes e refletir sobre possíveis práticas de promoção, proteção e assistência à saúde no que diz respeito à gravidez na adolescência.

Com relação à metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica de revisão narrativa, de cunho exploratório e abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir do levantamento de um material teórico anteriormente formulado, caracterizado, principalmente, por artigos e livros. No caso da revisão narrativa, a estruturação da pesquisa ocorre através de uma busca bibliográfica arbitrária, isto é, ausente de critérios rigorosos para seleção das fontes e de uma análise criteriosa da literatura em questão, o que confere a ela menor sistematização. O caráter exploratório visa a proporcionar maior familiaridade com o referido tema, mediante uma análise mais aprofundada sobre o objeto de estudo que

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

ofereça, conforme explana Gil (2008), maior esclarecimento e delimitação do problema a ser pesquisado. A abordagem qualitativa foi adotada tendo em vista a preferência por adentrar o universo de significados que perpassam as projeções de futuro das gestantes adolescentes e conhecer “[...] um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p.22).

Este estudo teve como referencial teórico a psicanálise winnicottiana que fundamentou a análise das questões que permeiam a gravidez na adolescência. À vista disso, foi realizada uma busca eletrônica de artigos disponibilizados nas bases de dados Scielo (*Scientific Eletronic Library On-line*), Bireme/BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Pepsic (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Google Acadêmico e Plataforma Capes (Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em língua portuguesa e língua espanhola, a partir dos descritores Gravidez AND adolescência AND futuro. A partir da referida busca, foram incluídas 20 novas referências para fundamentar o presente artigo, além de 9 anteriormente empregadas no Projeto de Pesquisa. Foram utilizados, ainda, alguns livros, destacando, entre eles, os da obra de Winnicott (1975, 2000, 2011). Ao todo, o presente artigo se respaldou em 40 fontes.

## **2 A HORA DO ADOLESCER<sup>5</sup>**

A adolescência é uma fase do desenvolvimento pela qual a Psicologia cultiva particular interesse, sendo Winnicott um psiquiatra e psicanalista inglês que se debruçou sobre o tema e, a partir da elaboração da Teoria do Amadurecimento Pessoal, desenvolveu importantes contribuições que nortearão este estudo.

De acordo com o autor, essa é uma etapa caracterizada pelo fato de o adolescente ter que lidar com um problema do existir, a partir de sua experiência viva. Logo, constitui-se como uma jornada direcionada à descoberta pessoal que precisa ser vivida em sua essência, apesar das dificuldades e desafios que lhes são próprios (WINNICOTT, 2011).

---

<sup>5</sup> Título semelhante utilizado por Winnicott (1965) em uma seção do capítulo “Adolescência. Transpondo a zona das calmarias”.

Segundo Winnicott (2011), a adolescência é comumente tratada como um problema para o qual deve haver uma cura. A vivência do complexo movimento de se tornar um adulto e se integrar à sociedade é desconsiderada e a irritação pública com o processo em questão se instaura, tratando-a como um problema. No entanto, o autor afirma que só existe uma cura para a adolescência e ela “[...] vem do passar do tempo e do gradual desenrolar dos processos de amadurecimento; estes de fato conduzem, ao final, ao aparecimento da pessoa adulta [...] não podem ser acelerados ou atrasados, mas podem ser invadidos e destruídos [...]” (WINNICOTT, 2011, p.116). Desse modo, o desafio ao qual os adultos são submetidos na convivência com o adolescente deve ser encarado, vivido frontalmente, ao invés de se buscar uma cura para uma fase sadia do desenvolvimento (WINNICOTT, 2011).

O referido autor postula que a adolescência é acompanhada de mudanças despertadas pela puberdade, como o desenvolvimento da capacidade sexual e das manifestações sexuais secundárias. Ademais, a partir das vivências infantis emergem padrões predeterminados por essas práticas que vão compor as variações individuais (WINNICOTT, 2011), sendo que “[...] na experiência prévia de cada adolescente, organizaram-se modos de combater a tensão ou aceitar e tolerar os conflitos inerentes a tais condições, essencialmente complexas [...]” (WINNICOTT, 2011, p.116).

O adolescente também cultiva típicas características de isolamento, inclusive dentro de seus próprios grupos, estabelecendo, assim, “[...] um ajuntamento de indivíduos isolados que procuram formar um agregado por meio da identidade de gostos” (WINNICOTT, 2011, p.118). Nessa fase há, ainda, a oscilação entre uma independência rebelde e uma dependência regressiva, de modo que, ao mesmo tempo em que a rebeldia se faz intensamente presente nos adolescentes, padrões de dependência bastante similares aos de crianças e bebês são constatados (WINNICOTT, 2011). Além disso, identifica-se, na adolescência, a não aceitação de meios-termos e falsas-soluções, de maneira que, concomitante à busca por uma cura para si e para os problemas que enfrenta, a negação de todas as “curas” encontradas também ocorre, tendo em vista que um elemento falso é identificado em cada uma delas (WINNICOTT, 2011).

No curso do adolecer, as buscas e as lutas não cessam: “[...] *a luta para sentir-se real*, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido sem ter de conformar-se a um papel preestabelecido [...]” (WINNICOTT, **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

2011, p.123). Por conseguinte, a falta de clareza com relação a quem se tornarão e ao que está por vir desperta um sentimento de irrealidade e uma consequente tomada de atitudes que pareçam a eles reais.

Dito isso, o autor identifica como necessidades do adolescente:

[...] a necessidade de evitar falsa solução; a de sentir-se real ou de tolerar a absoluta falta de sentimento; a necessidade de ser rebelde em um contexto que, confiadamente, acolha também a dependência; e a necessidade de aguilhoar-se repetidamente a sociedade de modo que o antagonismo desta faça-se manifesto, e possa ser rebatido por um contra-antagonismo (WINNICOTT, 2011, p.123-124).

Winnicott expõe que os adultos, atualmente, estão sendo formados através de um movimento natural, regido pela própria tendência de crescimento humano, o que pode estar contribuindo para a formação de indivíduos fortes, estáveis e maduros, diferentemente dos povos primitivos que eram transformados em adultos em um curto espaço de tempo, através de ritos e provas (WINNICOTT, 2011). No entanto, também acrescenta que “[...] o novo tipo de desenvolvimento igualmente exerce uma tensão sobre a sociedade, pois os adultos que foram privados da adolescência não gostam nada de ver meninos e meninas florescendo à sua volta” (WINNICOTT, 2011, p.119). Como consequência, o autor revela que a adolescência está sendo violentada à medida que é reprimida e inibida pela sociedade (WINNICOTT, 2011).

Dentre as importantes contribuições feitas por Winnicott no que concerne à relação do sujeito com o seu ambiente, cabe aqui ressaltar a impossibilidade “[...] em falarmos sobre o indivíduo sem considerarmos um ambiente suficientemente bom que se adapta às suas necessidades” (WINNICOTT, 2000, p.360), de forma que, nos estágios iniciais do desenvolvimento, não se pensa em cada elemento de modo separado, mas através do conjunto ambiente-indivíduo (WINNICOTT, 2000). Na diferenciação realizada pelo autor, existe, precedente à adolescência, o “[...] ambiente não suficientemente bom, que distorce o desenvolvimento do bebê, assim como existe o ambiente suficientemente bom, que possibilita ao bebê alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes” (WINNICOTT, 2000, p.399).

Na fase inicial da vida desse bebê, o ambiente suficientemente bom é representado pelo desempenho da figura materna e seu potencial para desenvolver o que Winnicott denomina **Preocupação Materna Primária**, isto é, um estado psicológico de retraimento materno que possibilita a identificação com o bebê e a



assistência às suas necessidades físicas e, posteriormente, relacionadas ao ego (WINNICOTT, 2000). Logo, “[...] se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão” (WINNICOTT, 2000, p.403).

Ademais, a estabilidade e a confiabilidade do ambiente são postuladas como componentes indispensáveis para o desenvolvimento posterior do indivíduo, após obter seu status de unidade. Nesse sentido, Winnicott evidencia a importância do ambiente também no estágio da adolescência, sobretudo na tarefa da família de garantir a continuidade da existência e do interesse pelo adolescente. Ainda mais enfático, o autor salienta que “[...] muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais” (WINNICOTT, 2011, p.117), o que revela a grande responsabilidade do ambiente no processo de desenvolvimento saudável da adolescência.

## 2.1 O PARADOXO EXISTENCIAL<sup>6</sup>

Com relação à vivência da gestação na adolescência, propriamente dita, a pesquisa efetivada por Santos, Guimarães e Gama (2016), sobre as percepções das adolescentes acerca das suas gestações, revelou que a descoberta da gravidez foi considerada um momento de surpresa e havia uma certa apreensão em contar para os familiares. A maioria das grávidas destacou que as famílias também ficaram surpresas, mas que aceitaram a gestação e as apoiaram, apesar do afastamento por parte de alguns familiares. Diante da confirmação da gravidez, as entrevistadas disseram experienciar sentimentos contraditórios, mas a maior parte destacou a prevalência de sentimentos positivos. Apesar da conotação positiva, elas também citaram algumas limitações vivenciadas como restrição de convívio com os amigos, evasão escolar e desconforto físico. O estudo menciona que a aceitação positiva atribuída à gravidez pode estar relacionada ao reconhecimento social, à autonomia

---

<sup>6</sup> “Paradoxo Existencial” foi um termo utilizado no trabalho de Granato e Vaisberg (2005) em referência ao fenômeno da gestação na adolescência.

no núcleo familiar, concretização da identidade feminina e construção de uma família e de um projeto de vida.

A investigação realizada por Alves, Albino e Zampiere (2011), que diz respeito à percepção das gestantes adolescentes sobre as mudanças sociais, físicas e emocionais na gravidez, explicitou que o impacto da descoberta da gravidez gerou sentimentos de alegria, tristeza, indiferença, sofrimento, vergonha, revolta e medo da reação dos outros. Também foi constatado, em algumas gestantes, um sentimento inicial de desespero.

Com relação às mudanças sociais, as gestantes identificaram o distanciamento da família, a mudança de casa, o convívio diário com o companheiro e as responsabilidades assumidas (inclusive financeiras) como as maiores mudanças. No que se refere às mudanças físicas, foram citados o aumento do abdome, dos seios, a presença de estrias, manchas e varizes e a obesidade como alterações corporais significativas. Dentre as mudanças emocionais, após o processo de elaboração da gravidez, as adolescentes sinalizaram uma ambivalência de sentimentos e certa dificuldade de lidar com eles, que alternavam entre alegria, tristeza e angústia. A labilidade emocional é mencionada, no referido estudo, como característica da gravidez, mas é considerada ainda mais acentuada na gravidez adolescente, em função da instabilidade emocional que é própria do período.

O estudo de Granato e Vaisberg (2005) contribui para maior compreensão do processo de gravidez na adolescência, a partir da apresentação de um material clínico que é analisado à luz de referenciais winnicottianos. De acordo com as autoras, a sobreposição das experiências da adolescência e da maternidade se constitui como um paradoxo existencial. Para tal, elas apresentam os referidos processos como antagônicos e egoístas, dado que são dotados de exigências próprias discordantes. A adolescência, abordada pela perspectiva da busca pelo reconhecimento do ser, a partir de uma abertura ao mundo externo que propicia a vivência de novas experiências, entra em confronto com uma maternidade que reclama o retraimento emocional para acolher as necessidades básicas do filho, a fim de que seja possível o processo de identificação com o bebê. A mãe se afasta, então, temporariamente, das atividades e relacionamentos dos quais costumava se ocupar e passa a se dedicar aos cuidados desse bebê, oferecendo a ele um ambiente facilitador suficientemente bom.

“Como conjugar a dependência do bebê com os anseios do adulto pela própria independência?” e “como cuidar sem ser aprisionada pelo desejo de ser cuidada?” (GRANATO; VAISBERG, 2005, p.3-4) são perguntas expostas no trabalho das referidas autoras que representam bem o conflito da sobreposição das experiências da adolescência e da maternidade.

Nesse sentido, Leitão (2011) discorre, em seu trabalho, sobre as possibilidades de desenvolvimento da preocupação materna primária em mães adolescentes. Segundo a autora, a maternidade na adolescência pode ser considerada como uma interrupção no processo de amadurecimento gradual do adolescente e pode resultar em uma “maturidade prematura” (LEITÃO, 2011, p.11), em uma acentuação da dependência regressiva ou, ainda, em uma falsa maturidade. Tal processo de amadurecimento pessoal estará diretamente relacionado à possibilidade ou não de se alcançar tal estado de preocupação materna primária.

A partir do supracitado, entende-se que a gravidez na adolescência acentua uma fase do desenvolvimento que, por si só, já é complexa, o que demanda uma necessidade ainda maior de oferta de um ambiente sustentador do desenvolvimento adolescente. Para Leitão (2011), a provisão ambiental pode ser identificada quando os adultos que cercam a adolescente são capazes de

[...] compartilhar as responsabilidades de uma gravidez precoce, de sustentar e acolher a manifestação de dependência regressiva, de confrontar a adolescente (e o adolescente) com a responsabilidade real de ter um bebê e, principalmente, de suportar e sobreviver às oscilações e à imaturidade (LEITÃO, 2011, p.12).

Com base na perspectiva winnicottiana, a referida imaturidade é explorada, no trabalho de Leitão (2011), como uma característica preciosa da adolescência, já que nela residem possibilidades criadoras e inovadoras de um novo modo de existir. A ação por impulso e a falta de maturidade para lidar com as consequências configuram uma irresponsabilidade peculiar à imaturidade e fundamental para que a sociedade se contamine com a potência de pensamentos, sentimentos e ideias libertadoras.

## 2.2 AS PERSPECTIVAS ACERCA DO FUTURO

Previamente, faz-se necessário mencionar que o conceito de criatividade postulado por Winnicott (1975) se mostra de grande relevância para este estudo à medida que se relaciona intrinsecamente com a possibilidade de idealização das perspectivas futuras de um dado indivíduo.

Associada à ideia de estar vivo; de o indivíduo se relacionar com a realidade externa, a criatividade se difere da concepção habitual de criação e diz respeito à qualidade que o sujeito imprime à vida (WINNICOTT, 1975): “É através da apercepção criativa que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa [...]” (WINNICOTT, 1975, sem paginação). Apesar de Winnicott (1975) considerar a impossibilidade de destruição completa do viver criativo, o autor reconhece que o processo de não mais perceber o mundo de maneira criativa relaciona-se à ação de fatores ambientais, isto é, das provisões ambientais ofertadas nos estágios iniciais e também na adolescência, conforme mencionado nas seções anteriores. Assim sendo, pode-se dizer que as perspectivas futuras desenvolvidas pelas adolescentes grávidas, as quais são tema deste escrito, são impulsionadas pelos seus respectivos impulsos criativos, sendo esses legitimados ou não pelo meio em que ela se encontra, tanto em seu nível macro quanto no microssocial.

Para mais, Catão (2007) expõe que as condições sociais e de classe são elementos apreendidos desde a infância, através da família e da comunidade, que influenciam na constituição das perspectivas de futuro do indivíduo enquanto projeto de vida. Desse modo, a autora explana sobre a relação direta entre o projeto de vida e a identidade do sujeito que se relaciona à noção de pertencimento social e cultural e “[...] circula através de estereótipos, de discursos feitos, histórias [...] vivenciadas [...] e partilhadas nos grupos de pertenças ao longo da vida” (CATÃO, 2007, sem paginação).

Adentrando ao conteúdo das perspectivas, propriamente ditas, a pesquisa desenvolvida por Andrade, Ribeiro e Ohara (2009) buscou investigar os sonhos e as expectativas de mães adolescentes com relação ao futuro e revelou que os anseios e planejamentos continuam a existir após o nascimento do filho. O desejo de continuar estudando, cursar uma faculdade e, posteriormente, se inserir no mercado de trabalho são mencionados nas respostas das entrevistadas e correlacionados à oferta de um futuro melhor para o filho. Para tal, os autores destacam o apoio da família como

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

aspecto primordial na manutenção de planejamentos acerca do futuro das gestantes adolescentes, “[...] já que funciona como um importante elemento facilitador para que essa mãe sinta-se mais tranquila, fortalecida e supere os obstáculos nos cuidados do filho” (ANDRADE; RIBEIRO; OHARA, 2009, p. 667).

A produção de Santos *et al.* (2014) se coloca em concordância com a anterior à medida que expõe a continuidade da existência de sonhos nas adolescentes, ainda que grávidas, e o planejamento de continuar a estudar, ingressar em uma faculdade e ser uma profissional. Tais fatores são reconhecidos como essenciais para a obtenção de melhor qualidade de vida para si e para seu filho, através da autonomia financeira (SANTOS *et al.*, 2014). O estudo de Leal e Loewen-Wall (2005) expõe que, apesar de reconhecerem as dificuldades decorrentes da gravidez, as gestantes adolescentes cultivam uma visão positiva acerca de seus futuros; a maioria considera que a gestação não vai interferir em seus planos de estudo e/ou trabalho, mesmo que tenham que adiá-los.

O trabalho de Valila *et al.* (2011) discorre sobre o planejamento do futuro das gestantes adolescentes, com o diferencial de pesquisas em que foram realizadas entrevistas não só com as grávidas, mas também com alguns familiares. As respostas evidenciaram desejos e anseios relacionados ao retorno das atividades acadêmicas e às possibilidades de trabalho, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida para o filho e para a família. Como destaque do estudo em questão, evidencia-se o suporte da família para a concretização dos planos mencionados: “A família [...] planeja oferecer outra oportunidade à adolescente para voltar a estudar e arranjar um emprego; as avós se reorganizam, saem mais cedo do trabalho para ficar com o bebê, para possibilitar que a adolescente volte a estudar” (VALILA *et al.*, 2011, p.564).

Com relação à comparação entre as perspectivas acerca do futuro antes e depois do aparecimento da gravidez, o trabalho desenvolvido por Kudlowiez e Kafrouni (2014) apontou que os planos de vida anteriores à gravidez se mostravam vagos, pouco estruturados e se referiam às práticas de continuidade do estudo e do trabalho. Após a descoberta da gravidez, as adolescentes comentaram sobre o retorno aos estudos e a necessidade de conseguir um emprego, mas não refletiram sobre as estratégias para que tais propósitos fossem alcançados. O referido panorama pode indicar a ausência de “[...] alternativas realistas para enfrentar a nova realidade da maternidade” (KUDLOWIEZ; KAFROUNI, 2014, p.236) e uma certa

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

naturalização na postergação dos planos escolares, acompanhada de indiferença e desesperança com relação à vida escolar (KUDLOWIEZ; KAFROUNI, 2014).

Nesse mesmo âmbito, a pesquisa realizada por Dei Schirò e Koller (2011) desvelou a maternidade como evento motivador, nas adolescentes de baixa renda, para o estabelecimento de planos mais concretos para o futuro, tendo em vista que esses se apresentavam como incertos. Inclusive, a gestação determinou, em muitos casos, o posterior reingresso nas escolas, tendo em vista a evasão escolar antes mesmo de as adolescentes engravidarem.

A investigação realizada por Pantoja (2003) abarcou tanto adolescentes que estavam grávidas quanto aquelas que já haviam tido filhos. Apenas uma menina das 13 entrevistadas declarou não ter planos para o futuro. As demais, enfatizaram a continuidade dos estudos como possibilidade de entrar em uma faculdade, obter uma profissão e, logo, adquirir melhores condições de vida. Assim como a maternidade, a escolarização faz parte de um projeto de realização pessoal que ratifica o planejamento de ser alguém na vida (PANTOJA, 2003). Dessa forma, as adolescentes “[...] não se mostram dispostas a aceitar tão somente a encenação de papéis de mães e donas-de-casa, embora sejam estes bastante valorizados por elas” (PANTOJA, 2003, p.342).

Esteves e Menandro (2005) postulam que os planos e projetos futuros de mães adolescentes não são abortados, apesar de haver uma redefinição dos mesmos, de acordo com as prioridades e possibilidades que se estabelecem para cada estrato social. A referida pesquisa aponta que a ordem para a consolidação dos projetos ocorre de modo inverso: as mães adolescentes de classe média almejam, em primeiro plano, a escolarização seguida de inserção profissional qualificada; as de baixa renda aspiram o emprego para posterior retorno às atividades escolares e qualificação profissional.

A pesquisa de Dias *et al.* (2013) investigou as semelhanças e diferenças nos planos para o futuro de adolescentes gestantes e não gestantes e identificou correspondências nessas perspectivas acerca do futuro, apontando o término dos estudos, a realização de um curso técnico ou superior e o trabalho como projetos visados por ambos os grupos. A gravidez não alterou as perspectivas futuras relacionadas à finalização dos estudos e a inserção no mercado de trabalho, embora tenha sido “[...] percebida como um obstáculo à dedicação aos estudos em virtude do

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

investimento de tempo e dinheiro nos cuidados que devem ser realizados com a criança” (DIAS *et al.*, 2013, p.10-11), o que acaba interferindo na ordem de realização dos projetos. Cabe ressaltar, ainda, o reconhecimento dos autores sobre a importância do apoio familiar para a manutenção e realização dos planos para o futuro das gestantes adolescentes.

Por fim, Oliveira-Monteiro (2008) desenvolveu um estudo longitudinal que abarcou um período de 3 anos e meio da ocorrência da gravidez com as adolescentes. Os resultados da pesquisa apontaram que as perspectivas futuras ainda perpassavam o término dos estudos (sem uma data estipulada) e a inserção em um bom emprego, indicando que “[...] o evento da maternidade na adolescência causou ou agravou obstáculos sociais, principalmente os relacionados a uma melhor capacitação escolar para inserção no mercado de trabalho” (OLIVEIRA-MONTEIRO, 2008, p.296).

A partir do contexto supracitado, entende-se que a adolescência é concebida, atualmente, como uma fase que deve se dedicar à construção de um projeto profissional para que, através da continuidade nos estudos, a estabilidade e o reconhecimento profissionais sejam alcançados (NUNES, 2012). No entanto, há que se considerar que essa não é uma realidade possível para todos, tendo em vista que os acessos às oportunidades são distintos, em função da desigualdade social intrínseca ao País:

[...] as perspectivas abertas para as adolescentes das camadas alta e média forjam o imaginário social sobre um suposto destino alvissareiro reservado à juventude, que tende a ser universalizado como um novo ideal. Espera-se que as jovens dos diferentes estratos sociais terminem seus estudos e adquiram uma estabilidade profissional, como se esse ideal fosse acessível a todas (NUNES, 2012, p.65).

Desse modo, conforme aponta o estudo desenvolvido por Taborda *et al.* (2014), o enfrentamento da gravidez é diferente para cada classe social, sendo que a ausência de projetos de vida suficientemente atraentes para as jovens de classes populares se torna responsável pela valorização da maternidade na adolescência enquanto o próprio projeto de vida (NUNES, 2012). Ademais, pode-se dizer que a conciliação entre a adolescência e a maternidade e a conseguinte elaboração de planos para o futuro, que envolvam tanto os interesses particulares da mãe quanto as necessidades do bebê, estejam relacionadas ao amparo social e, sobretudo familiar, ofertado à gestante adolescente.

De acordo com o trabalho de Patias, Gabriel e Dias (2013), a família pode representar tanto um fator de risco quanto um fator de proteção e apoio para as jovens e seus bebês no que tange ao desenvolvimento de ambos. No caso da manutenção das perspectivas futuras das gestantes adolescentes, considera-se que a existência de uma boa comunicação da adolescente com a família, de afeto entre os seus membros e de um ambiente continente proporciona um cuidado à adolescente que influencia no cuidado ofertado a si própria, ao seu filho e, logo, ao seu futuro (PATIAS; GABRIEL; DIAS, 2013).

### 2.3 AS MODALIDADES ASSISTENCIAIS

Como visto anteriormente, o fenômeno da gravidez na adolescência pode acarretar, dentre tantas consequências, a dificuldade de se alcançar os planos vislumbrados pelas adolescentes para os seus respectivos futuros, como o término dos estudos e uma inserção qualificada no mercado de trabalho – sendo a baixa condição social um agravante para tal.

Além disso, a busca tardia pela assistência pré-natal entre as gestantes adolescentes é considerada uma realidade e pode agravar os riscos de complicações durante a gestação e o parto, resultando, inclusive, em mortalidades materna e neonatal (RODRIGUES *et al.*, 2008). Do mesmo modo, quando essas gestantes procuram a assistência pré-natal, “[...] o número de consultas [...] mostra-se insatisfatório se comparado ao que preconiza o Ministério da Saúde do Brasil” (RODRIGUES *et al.*, 2008, p.31).

Diante desse cenário, a fragilidade da assistência às gestantes adolescentes é evidenciada (RODRIGUES *et al.*, 2008) e a necessidade de se pensar modalidades assistenciais eficazes para o referido público se mostra urgente. Em primeiro lugar, faz-se indispensável mencionar que as práticas direcionadas às gestantes e mães adolescentes precisam ser, constantemente, ratificadas pelas políticas públicas não só do campo da saúde, mas também de outros setores como, por exemplo, o educacional, de modo que a articulação entre as esferas possibilite um trabalho em rede e um atendimento, de fato, integral e efetivo (MUNSLINGER *et al.*, 2016).

Nesse contexto, igualmente devem ser contemplados pelas práticas assistenciais, caso seja possível, a família e o companheiro da adolescente, tendo em

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**



vista que podem se constituir como importantes fontes de amparo e motivação para que a adolescente vivencie a experiência gestacional de forma mais serena e não interrompa seus planos futuros (ANDRADE; RIBEIRO; OHARA, 2009). Para isso, “o grande desafio é instituímos medidas de apoio e estímulos educativos e socioculturais extensivos para que resgate a importância da ajuda de suas famílias assim como dê continuidade a seus projetos de vida” (ANDRADE; RIBEIRO; OHARA, 2009, p.667).

Dentre as medidas possíveis a serem estabelecidas, a construção de espaços de discussão e reflexão para as gestantes e mães adolescentes acerca de seus projetos de vida e das possíveis estratégias para alcançá-los se constitui como uma ação interessante, principalmente se articuladas com a desnaturalização dos modelos femininos impostos pela sociedade que atribuem o papel de mulher à maternidade (KUDLOWIEZ; KAFROUNI, 2014). Oficinas que trabalhem a relação da adolescente gestante com si própria, através de práticas que elevem a autoestima, estimulem o autocuidado e impulsionem a autoconfiança ou que abordem as exigências da maternidade e o processo de ganhos/perdas advindos de uma gestação precoce também tendem a ser produtivas (ANDRADE; RIBEIRO; OHARA, 2009).

O pré-natal psicológico igualmente se constitui como uma relevante ferramenta para o trabalho com as gestantes adolescentes, já que a possibilidade de acolhimento e escuta qualificada das emoções e sentimentos que perpassam o ciclo gravídico-puerperal têm a capacidade de “[...] promover a integração de si, no processo de mudanças imposto pela maternidade” (JESUS, 2017, p.2). Desse modo, o referido dispositivo tende a atuar como um fator de proteção para os transtornos psíquicos que podem emergir da gestação e, ainda, como um suporte educativo e informacional para que a adolescente se ajuste, criativamente, às vivências presentes e futuras (JESUS, 2017).

Além disso, antes mesmo do início da atividade sexual, orientações e esclarecimentos com relação aos direitos sexuais e reprodutivos dos e das adolescentes devem ser prestados pelos profissionais da atenção primária à saúde. Conforme exposto pelo Ministério da Saúde, tais direitos englobam: o direito à informação de qualquer tipo, à livre expressão de sua orientação sexual, ao sexo seguro, à escolha de parceiros; à escolha do querer ou não ter relações sexuais, ao planejamento familiar; aos serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

atendimento de qualidade sem qualquer discriminação, dentre tantos outros (BRASIL, 2009).

O papel do agente comunitário também é de suma importância para a captação e estabelecimento de laços entre as gestantes adolescentes e as unidades de saúde (CHACHAM; MAIA; CAMARGO, 2012), tanto para prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva quanto para a assistência gestacional às adolescentes. No entanto, para que o elo se consolide, todos os profissionais devem cultivar um canal aberto de comunicação com a gestante que seja isento de visões estigmatizantes sobre a gestação e a maternidade na adolescência (ANDRADE; RIBEIRO; OHARA, 2009), garantindo, assim, a confiabilidade das adolescentes nos profissionais e serviços de saúde.

O trabalho de Gonçalves (2012) apresenta interessantes estratégias para o enfrentamento da gravidez na adolescência na área de abrangência do Programa de Saúde da Família da Vila Magnólia (Araçuaí - Minas Gerais). Apesar de as propostas acertadamente refletirem as vivências e realidades locais, considera-se que elas podem servir de inspiração para outros tantos contextos. Merecem destaque aqui os projetos Esporte e Adolescência, cujo objetivo é fomentar a socialização entre os adolescentes através da prática esportiva; Melhor Viver, que visa aprimorar a qualidade das relações familiares através de dispositivos já existentes; e Parceria de Sucesso, cuja finalidade é ofertar oportunidades aos adolescentes para geração de renda (GONÇALVES, 2012).

Por fim, cabe mencionar que a esfera educacional, apesar de reconhecer a gravidez na adolescência como factual, não tem conseguido implementar ações efetivas que transformem a realidade (SANTOS; GUIMARÃES; GAMA, 2016). Ademais, a naturalização das gestantes adolescentes no adiamento do término dos estudos ou, até mesmo, no abandono da instituição educacional exige que [...] seja questionado o tipo de vínculo que a escola estabelece com as adolescentes, a ponto de sua ausência imediata não ser, para elas, fundamental” (KUDLOWIEZ; KAFROUNI, 2014, p.236). Uma proposta a ser adotada, nessa perspectiva, refere-se à articulação direta entre a área da saúde e da educação “[...] objetivando a capacitação e a atualização de professores da rede pública em educação sexual, com foco nos aspectos subjetivos e nas condições socioeconômicas dos adolescentes beneficiados, e não na mera reprodução antiquada de um discurso biológico”

(PANTOJA *et al.*, 2007, p.520). Em suma, tanto os professores quanto os processos de ensino-aprendizagem precisam ser reinventados.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo averiguar as perspectivas futuras de adolescentes gestantes, tendo em vista que a manutenção de pensamentos acerca do futuro pode se estabelecer como um importante fator protetor para a prática do autocuidado referente aos direitos sexuais e reprodutivos das adolescentes (SANTOS *et al.*, 2018). Nesse sentido, os estudos anteriormente mencionados apontaram que os planos para o futuro das adolescentes sobrevivem mesmo quando a adolescência é concomitante à uma gestação. O retorno aos estudos, comumente interrompidos pela gravidez, e a inserção qualificada no mercado de trabalho são reconhecidos e ansiados por elas como possibilidades para se alcançar melhores condições de vida. No entanto, a gestação na adolescência frequentemente emerge como a própria constituição de um projeto de vida para as adolescentes de baixa renda, em razão da ausência de outras perspectivas concretas que possam substituí-la. Além disso, ainda quando a maternidade não ocupa o referido papel central, as adolescentes se deparam com inúmeros obstáculos para conciliar a realidade materna e as atribuições escolares e profissionais, o que tende a desencadear o abandono de tais projetos.

Diante desse cenário, percebe-se uma falha do ambiente para com as adolescentes, já que os serviços de promoção, prevenção e assistência à gestação adolescente se mostram incapazes de apontar um futuro que não esteja relacionado a uma mera sobrevivência (OLIVEIRA, 2008). Nessa perspectiva,

procura-se uma estratégia que possibilite um 'exercício responsável da sexualidade'. Esses programas isolados, centrados apenas na regulação e adestramento da sexualidade, se não são acompanhados de projetos que possibilitem uma adolescência mais rica, criativa e prazerosa, acabam se tornando apenas mais uma restrição em suas vidas (NUNES, 2012, p.71).

Além disso, a fragilidade da assistência também é percebida no meio intrafamiliar, já que frequentemente uma barreira de comunicação nas conversas e orientações sobre a sexualidade se faz presente, com interações permeadas por "[...] reticências, advertências e reprimendas [...] que buscam moldar o comportamento [...]"

segundo uma lógica de preservação da moral [...]” (PATIAS; GABRIEL; DIAS, 2013, p.595). Inclusive, algumas famílias sequer abordam o assunto, já que não sabem a melhor forma de conduzi-lo (PATIAS; GABRIEL; DIAS, 2013).

Constata-se, ainda, uma série de lacunas no trabalho desempenhado pela Psicologia nos diferentes âmbitos dos serviços de saúde. No campo da atenção primária, por exemplo, a perspectiva de promoção da saúde se mostra frágil à medida que a prática profissional do psicólogo fica à mercê de sua boa vontade, muitas vezes sem qualquer sistematização ou embasamento (ROTOLO; ZURBA, 2012). Ademais, constantemente, o enfoque no indivíduo, em detrimento do grupo/comunidade, é empreendido, através de uma mera transposição do modelo de atendimento clínico tradicional para o SUS (ROTOLO; ZURBA, 2012). Por conseguinte, as possibilidades de desenvolvimento de estratégias de educação em saúde, como para a prevenção da gravidez na adolescência, se esvaem e “[...] toda a potencialidade da atuação do psicólogo no SUS parece estar ainda em um longo e sonolento despertar” (ROTOLO; ZURBA, 2012, p.135).

Ainda nesse contexto, a assistência psicológica no pré-natal se mostra vulnerável quando os discursos dos psicólogos mencionam a relutância no encaminhamento, pela equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF), das gestantes adolescentes para o serviço de psicologia presente no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Tal cenário revela a falta de comunicação entre os setores e a dificuldade da Psicologia de legitimar sua prática no referido campo (NASCIMENTO; ANDRADE, 2013).

A inserção do psicólogo na atenção terciária, relativa à saúde obstétrica e neonatal, também fracassa pela escassez de literatura e protocolos que respaldem o exercício profissional (ARRAIS; SILVA; LORDELLO, 2014). Para mais, o suposto nível de hierarquia existente entre as áreas, a soberania do modelo biomédico e, logo, as dificuldades para um trabalho interdisciplinar tendem a contribuir para a omissão do serviço psicológico no hospital, resultando em inércia e passividade dos psicólogos.

Dessa forma, enquanto os profissionais de psicologia são convocados apenas para situações em que há intercorrências na gestação ou no parto, a riqueza das intervenções psicoprofiláticas para gestantes e púerperas parece não ser reconhecida ou almejada (NUNES *et al.*, 2014). No caso das gestantes, a ausência de tais práticas implica em uma falta de amparo para a expressão de seus sentimentos e descargas

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

das suas ansiedades. Na situação das puérperas, resulta em uma privação de suporte para a elaboração do luto de um bebê anteriormente idealizado, para a aceitação do bebê real com a sua respectiva formação de vínculo e também para a prevenção de enfermidades psíquicas (NUNES *et al.*, 2014).

Dito isso, reitera-se a contribuição da teoria winnicottiana para a compreensão de uma adolescência que abarca a originalidade do sujeito e as particularidades do meio em que o processo do “adolescer” é vivenciado, afastando-se de visões generalistas e que consideram essa fase como um problema. Tal relevância também se aplica ao entendimento sobre as perspectivas acerca do futuro das gestantes adolescentes, tendo em vista que a qualidade ambiental (WINNICOTT, 2000) é que determinará a viabilidade de ocorrência de seus projetos. Isto é, para que as adolescentes grávidas internalizem o cuidado para com as suas vidas futuras, elas precisam ser bem cuidadas no presente. Consequentemente, faz-se

[...] necessário conhecer os planos futuros de adolescentes para que políticas públicas possam propor estratégias que facilitem a concretização dos planos educacionais de trabalho de jovens que possuem dificuldades. Estar em situação de maternidade na adolescência, não pode representar a quebra na possibilidade de realizações dos planos futuros (DIAS *et al.*, 2013, p.12).

Como limitação maior deste estudo, evidencia-se a impossibilidade de execução de sua proposta inicial, caracterizada por uma pesquisa de campo. Apesar de o projeto de pesquisa ter sido, inclusive, enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa, o advento da pandemia do COVID-19 e a conseqüente imposição da medida de isolamento social impediu a realização da coleta de dados que ocorreria em uma instituição de saúde do município de Juiz de Fora. Tal pesquisa seria de extrema relevância para a compreensão das realidades inerentes ao território e dos fenômenos que ali transcorrem.

Para mais, a ausência de sistematização na diferenciação de idade das gestantes adolescentes pode ser considerada uma restrição devido à possibilidade de a faixa etária influenciar nas respostas acerca das perspectivas futuras. Por fim, a escassez de literatura atualizada, advinda da Psicologia, que abarque os projetos de vida das gestantes adolescentes, também foi um limite encontrado, tendo em vista a relevância do tema para o desenvolvimento de ações de promoção, prevenção e assistência à gestação adolescente na área em questão.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A; ALBINO, A. T; ZAMPIERI, M.F.M. Um olhar das adolescentes sobre as mudanças na gravidez: promovendo a saúde mental na atenção básica. **Revista Mineira de Enfermagem**, São Carlos, v.15, n.4, p.545-555, dez.2011. Disponível em: <https://www.reme.org.br/exportar-pdf/69/v15n4a11.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.
- ANDRADE, P.R; RIBEIRO, C.A; OHARA, C.V.S. Maternidade na adolescência: sonho realizado e expectativas quanto ao futuro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.30, n.4, p.662-668, dez.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v30n4/a12v30n4.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.
- ARRAIS, A.R; SILVA, N.O; LORDELLO, S.R.M. Percepção da equipe obstétrica sobre o papel do psicólogo hospitalar em um centro obstétrico do DF. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, Caçador, v.3, n.2, p.49-67, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/288>. Acesso em: 08 maio 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Direitos sexuais, reprodutivos e métodos anticoncepcionais. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos\\_sexuais\\_reprodutivos\\_metodos\\_anticoncepcionais.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf). Acesso em: 15 abr. 2020.
- CAMPELLO, T; NERI, M.C (Orgs). **Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania**. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_bolsafamilia\\_10\\_anos.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_bolsafamilia_10_anos.pdf). Acesso em: 09 dez. 2019.
- CATÃO, M.F. O que as pessoas pensam da vida e o que desejam nela realizar? *In*: KRUTTZEN, E; VIEIRA, S (Orgs.). **Psicologia social, clínica e saúde mental**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2007. Não paginado. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/1963389/o-que-pedem-as-pessoas-da-vida-e-o-que-desejam-nela-realizar>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- CHACHAM, A.S; MAIA, M.B; CAMARGO, M.B. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v.29, n.2, p.389-407, jul./dez.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepop/v29n2/a10v29n2>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- DEI SCHIRÒ, E.D.B; KOLLER, S.H. Ser adolescente e ser mãe: investigação da gravidez adolescente em adolescentes e portuguesas. **Análise Psicológica**, [S.l.],

v.4, n.29, p.521-533, 2011. Disponível em:  
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v29n4/v29n4a03.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.

DIAS, A.C.G. *et al.* Semelhanças e diferenças nos planos para o futuro de adolescentes gestantes e não gestantes. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v.10, n.3, p.7-13, jul./set.2013. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v10n3a02.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ESTEVES, J.R; MENANDRO, P.R.M. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. **Estudos de Psicologia**, [S.l.], v.10, n.3, p.363-370, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n3/a04v10n3.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

GIL, A.C. Delineamento da pesquisa. *In*: GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.49-59. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

GIL, A.C. Pesquisa social. *In*: GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 26-32. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

GONÇALVES, R.A. **Gravidez na adolescência: o que pode ser feito para mudar essa realidade**. 2012.Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família) – Universidade Federal de Minas Gerais, Araçuaí, 2012. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4151.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GRANATO, T.M.M; VAISBERG, T.M.J.A. Adolescência e Gravidez: um paradoxo sustentável? *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE. 2. 2005. São Paulo. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200034&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200034&script=sci_arttext). Acesso em: 23 out. 2019.

JESUS, M.A.S. O pré-natal psicológico e a relação com a prevenção na depressão puerperal. **Psicologia.pt**, [S.l.: s.n.], p.1-20, 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1112.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

JORGE, S.J. *et al.* Integralidade no cuidado às gestantes adolescentes. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.107-111, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v14n1a14.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

KUDLOWIEZ, S; KAFROUNI, R. Gravidez na adolescência e construção de um projeto de vida. **Psico**, Porto Alegre, v.45, n.2, p.228-238, abr./jun. 2014. Disponível **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 282-307, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/14282/11712>  
. Acesso em: 07 abr. 2020.

LEAL; A.C; LOEWEN-WALL, M. Percepções da Gravidez para adolescentes e perspectivas de vida diante da realidade vivenciada. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v.10, n.3, p.44-52, set./dez. 2005. Disponível em:  
<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/5375/3960>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LEITÃO, H.A.L. Gravidez e maternidade na adolescência: possibilidades de desenvolvimento da preocupação materna primária. **Revista Tópica**, Alagoas, [s.n.], 2011. Disponível em: [http://www.gpal.com.br/wp-content/uploads/2015/03/topica\\_n7\\_gravidez\\_e\\_maternidade\\_na\\_adolescencia.pdf](http://www.gpal.com.br/wp-content/uploads/2015/03/topica_n7_gravidez_e_maternidade_na_adolescencia.pdf). Acesso em: 23 out. 2019.

MINAYO, M.C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.9-29. Disponível em:  
<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

MUNSLINGER, I.M. *et al.* A maternidade na perspectiva de mães adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v.29, n.3, p.357-363, jul./set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4541/pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

NASCIMENTO, A.S; ANDRADE, A.B. A atuação da psicologia na atenção básica frente à gravidez na adolescência. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.5, n.12, p.118-142, 2013. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68553/41295>. Acesso em: 08 maio 2020.

NUNES, S.A. Esperando o futuro: a maternidade. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, 53-75, 2012. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/physis/v22n1/v22n1a04.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

NUNES, M.E.P. *et al.* Atenção psicológica na prática obstétrica e neonatal: uma experiência à luz dos conceitos do Sistema Único de Saúde (SUS). *In*: ZURBA, M.C. **Psicologia e Saúde Coletiva**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p.123-138. Disponível em: [http://bu.ufsc.br/design/Miolo\\_Psicologia\\_e\\_Saude.pdf](http://bu.ufsc.br/design/Miolo_Psicologia_e_Saude.pdf). Acesso em: 08 maio 2020.

OLIVEIRA, R.C. Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.17, n.4, p.93-102, 2008. Acesso em: 15 abr. 2020.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N.R. Perfis de adolescentes mães após três anos e meio do nascimento do bebê: seguimento longitudinal de estudo psicossocial. **Interação em**



**Psicologia**, [S.l.], v.12, n.2, p.291-297, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/10054/10258>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe. **Informe de Consulta Técnica**, 2018. Disponível em: [https://lac.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/ESP-EMBARAZO-ADOLESC-14febrero%20FINAL\\_5.PDF](https://lac.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/ESP-EMBARAZO-ADOLESC-14febrero%20FINAL_5.PDF). Acesso em 22 out. 2019.

PANTOJA, F.C. *et al.* Adolescentes grávidas: vivências de uma nova realidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, [S.l.], v.27, n.3, p.510-521, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n3/v27n3a11.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2020.

PANTOJA, A.L.N. Ser alguém na vida: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência em Belém do Pará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.335-343, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a15v19s2.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PATIAS, N.D; GABRIEL, M.R; DIAS, A.C.G. A família como um dos fatores de risco e de proteção nas situações de gestação e maternidade na adolescência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.586-610, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v13n2/v13n2a11.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2020.

RODRIGUES, F.R.A. *et al.* A vivência do ciclo gravídico-puerperal na adolescência: perfil sociodemográfico e obstétrico. **Revista Mineira de Enfermagem**, [S.l.], v.12, n.1, p.27-33, jan./mar.2008. Disponível em: <http://reme.org.br/exportar-pdf/234/v12n1a04.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.

ROTOLO, L.M; ZURBA, M.C. Educação em saúde na atenção básica: estratégias do fazer do psicólogo para a promoção de saúde. *In*: ZURBA, M.C. **Psicologia e Saúde Coletiva**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p.123-138. Disponível em: [http://bu.ufsc.br/design/Miolo\\_Psicologia\\_e\\_Saude.pdf](http://bu.ufsc.br/design/Miolo_Psicologia_e_Saude.pdf). Acesso em: 08 maio 2020.

SANTOS, N.L.B; GUIMARÃES, D.A; GAMA, C.A.P. A percepção de mães adolescentes sobre seu processo de gravidez. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v.8, n.2, p.83-96, dez.2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v8n2/v8n2a07.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

SANTOS, C.C. *et al.* Expectativas de adolescentes gestantes para o futuro. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, [S.l.], v.6, n.2, p.759-766, abr./jun.2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750622030.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SANTOS, R.C.A.N. *et al.* Realidades e perspectivas de mães adolescentes acerca da primeira gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v.71, n.1, p.73-80, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt\\_0034-7167-reben-71-01-0065.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0065.pdf). Acesso em: 15 abr. 2020.

SCHOEN-FERREIRA, T.H; AZNAR-FARIAS, M; SILVARES, E.F.M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v.26, n.2, p.227-234, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

TABORDA, J.A. *et.al.* Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.16-24, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cadsc/v22n1/1414-462X-cadsc-22-01-00016.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

VALILA, M.G. *et al.* Gravidez na adolescência: conhecendo a experiência da família. **Revista Mineira de Enfermagem**, São Carlos, v.15, n.4, p.556-566, dez. 2011. Disponível em: <http://reme.org.br/exportar-pdf/70/v15n4a12.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

WINNICOTT, D.W. Adolescência. Transpondo a zona das calmarias. *In*: WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.115-127.

WINNICOTT, D.W. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. *In*: WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. p.355-373. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/21576400/winnicott-da-pediatria-a-psicanalise-pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

WINNICOTT, D.W. A preocupação materna primária. *In*: WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. p.399-405. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/21576400/winnicott-da-pediatria-a-psicanalise-pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020

WINNICOTT, D.W. A criatividade e suas origens. *In*: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975. Não paginado. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/4439536/winnicott-d-w-o-brincar-e-a-realidade>. Acesso em: 16 abr. 2020.